Técnica, teoria e práxis na cartografia da Amazônia de Samuel Fritz

Técnica, teoría y praxis en la cartografía de la Amazonía de Samuel Fritz

Technique, theory, and praxis in the cartography of Amazonia by Samuel Fritz

Technique, théorie et praxis dans la cartographie de l'Amazonie par Samuel Fritz

Roberto Chauca

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/7556>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.7556

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrônica

Roberto Chauca, «Técnica, teoria e práxis na cartografia da Amazônia de Samuel Fritz», *Terra Brasilis* [Online], 14 | 2020, posto online no dia 31 dezembro 2020, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/7556> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.7556>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Técnica, teoria e práxis na cartografia da Amazônia de Samuel Fritz

Técnica, teoría y praxis en la cartografía de la Amazonía de Samuel Fritz

Technique, theory, and praxis in the cartography of Amazonia by Samuel Fritz

Technique, théorie et praxis dans la cartographie de l'Amazonie par Samuel Fritz

Roberto Chauca

NOTA DO AUTOR

Pesquisa financiada pelo *Dissertation Proposal Development Program* do *Social Science Research Council* com fundos fornecidos pela *Andrew W. Mellon Foundation* e pelo Departamento de História da *University of Florida*. Agradeço a Andréa Ferreira e Bill Fischer por seus comentários e correções. Todas as traduções neste artigo são minhas, salvo indicação em contrário.

Prólogo

- ¹ Este artigo trata do jesuíta Samuel Fritz e dos aspectos técnicos, teóricos e pragmáticos da sua produção cartográfica das missões de Maynas, localizadas na Amazônia ocidental. Na história da cartografia jesuíta e da história da Amazônia em geral, Fritz é mais conhecido por ser o autor de um mapa do rio Amazonas de 1707 (Figura 1).¹ Este não foi seu único mapa – ele fez pelo menos três versões manuscritas datadas de 1689, 1690 e 1691. No entanto, em 1707 foi a primeira vez que Fritz teve seu mapa gravado, permitindo então sua circulação para além das redes jesuíticas. Os estudos da produção cartográfica do frade jesuíta exploram a agenda geopolítica de seus mapas, a simbologia religiosa utilizada pelo frade e a circulação desses mapas em circuitos europeus (Almeida 2003a; Almeida 2003b; Dias 2012; Fernández-Salvador, 2014: 223-225; Langer,

2009; Latorre, 1988: 37-47; Lucero, 2004: 42-88). No entanto, ainda há uma tendência em relacionar a produção cartográfica dos jesuítas, e seus empreendimentos evangelizadores em geral, com questões de ocupação territorial e disputas de fronteiras entre os impérios castelhano e português na América do Sul (Batchelor, 2019: 6-7).

Figura 1: Samuel Fritz, S.I., *El Gran Rio Marañon, o Amazonas con la Mission de la Compañia de Iesus*, 1707

Fonte: Arquivo do Ministério das Relações Exteriores do Equador

- 2 Entre os séculos XVII e XVIII uma parte considerável da Amazônia ocidental estava sob a jurisdição da província jesuítica de Quito, área que ficou conhecida como Maynas e que era próxima às possessões portuguesas no Brasil.² Alguns estudos enfatizam que, enquanto as autoridades civis tinham pouco interesse na colonização da floresta tropical, os jesuítas de Maynas atuaram como defensores das reivindicações territoriais da Espanha na Amazônia contra a expansão portuguesa, o que se refletiu na produção cartográfica dos missionários (Almeida, 2003b: 151-153; Bayle, 1951: 418; Deler, 2007: 83-84; Dias 2012, 102; Espinoza, 2007: 222; Fernandez-Salvador, 2014: 223-227; Gómez, 2012: 174-175; Larrea, 1977: 33; Latorre, 1988: capítulo 4; Lucero, 2004: 42, 88, 158; Phelan, 1967: 42; Rosas, 2008: capítulos 8-9; Ullán, 2007: 185; Villalba, 1992: 57). Entender as atividades missionárias jesuítas, inclusive sua lógica cartográfica, como parte da controvérsia castelhano-portuguesa na América do Sul é certamente razoável e algo que este artigo não pretende negar. Não obstante, o maior problema historiográfico é a falta de atenção a outros interesses que influenciaram as atividades cartográficas jesuíticas na Amazônia ocidental.
- 3 Nascido na Boêmia, atual República Tcheca, Fritz chegou a Quito em 1686 e se mudou para a floresta amazônica, onde assumiu o comando das missões de Omáguia. Essas missões incluíam diversos povos, como os omáguas, jurimáguas, aizuares, ibanomas, entre outros, que viviam ao longo do curso médio do rio Amazonas, especificamente

entre os rios Napo e Negro (Maroni, 1988: 309, 304). Fritz assumiu o controle da parte mais oriental de Maynas, próxima à presença dos lusitanos na Amazônia, com quem teria mais de um encontro. Um desses encontros aconteceu em Belém, sede do colégio jesuíta português do Pará, próximo à foz do Amazonas, onde permaneceu por cerca de dois anos, de 1689 a 1691. Este momento foi particularmente relevante, pois permitiu a Fritz navegar duas vezes por todo o curso do Amazonas (Bettendorf, 1909: 416-417). Portanto, serviu para Fritz conhecer o rio em primeira mão, bem como obter conhecimentos cartográficos e geográficos produzidos pelo lado português. Nesse sentido, um dos objetivos deste artigo é aprofundar os aspectos técnicos, teóricos e pragmáticos da produção científica de Fritz para afastá-lo da aura geopolítica que envolveu a análise da sua produção cartográfica, mas sempre levando em consideração que seu mapa de 1707 deve ser entendido como parte do projeto de "conquista espiritual e territorial dos povos indígenas da Amazônia" pela província jesuítica de Quito (Almeida, 2003b: 144).

- 4 Este estudo demonstra, em primeiro lugar, os métodos, instrumentos e técnicas que Fritz utilizou na confecção de seus mapas, bem como a relevância de comparar sua produção cartográfica com a cartografia produzida em outras partes do mundo jesuíta, os circuitos transimperiais que Fritz estabeleceu com membros da Companhia do lado português e as várias leituras que seus mapas receberam de outros membros da Companhia. Em segundo lugar, este artigo examina os debates geográficos e hidrográficos da Amazônia que envolveram seu empreendimento cartográfico, particularmente a importância de delinear o rio Amazonas horizontalmente e a localização das suas nascentes na parte central do Peru para criticar os mapas dos trópicos sul-americanos feitos por europeus. Por fim, gostaria também de detalhar os processos em torno do mapeamento de grupos humanos amazônicos na produção cartográfica de Fritz. Meu argumento, nesse caso, é que o objetivo do mapa de Fritz de 1707 era distinguir, nomear e definir as múltiplas sociedades amazônicas sob seu olhar evangelizador, e não apenas a delimitação dos territórios ou espaços imperiais.
- 5 Nesse sentido, é importante ressaltar que o objetivo da missão jesuíta era difundir o evangelho. Como Steven Harris e Andrés Prieto afirmaram, as atividades científicas e o conhecimento da natureza e do homem entre os frades da Companhia dependiam de seus objetivos evangelizadores em primeiro lugar (Harris, 1999: 214; Prieto, 2011: 4, 6). O mapeamento dos povos, aldeias e rios ao longo da bacia amazônica respondeu, por conseguinte, não somente a razões imperiais ou geopolíticas, mas também técnicas e pragmáticas que ajudariam a encontrar e registrar os melhores caminhos para evangelizar as sociedades amazônicas. Assim, os interesses cartográficos jesuítas não eram meros derivados das controvérsias geopolíticas ibéricas sobre a Amazônia. Eram uma parte fundamental das missões evangelizadoras. Com base em jornais impressos, relatórios manuscritos, correspondência e mapas, este artigo busca ir além da abordagem imperial e geopolítica tradicional, e enfatizar os interesses técnicos, teóricos e pragmáticos por trás do mapeamento da Amazônia nas mãos de Fritz.

A técnica: artes, cálculos e instrumentos cartográficos

- 6 Em 1692, durante uma visita a Lima, Fritz entregou uma cópia de seu mapa do Amazonas ao vice-rei do Peru, o Conde de Monclova. Na ocasião, o jesuíta afirmou que:

Para cujo melhor conhecimento e notícia universal deste grande rio Marañon ou Amazonas, fiz este mapa geográfico com muito trabalho e suor, que na maior parte de sua carreira, até onde é navegável, eu o naveguei. E embora até agora tenham saído tantos mapas, sem prejuízo de ninguém, digo que nenhum deles foi feito com a devida precisão, porque ou não viram, nem mediram as alturas deste grande rio, ou os obtiveram de autores que com seus escritos os deixaram confusos.³

- 7 Por meio dessa e de outras versões manuscritas – cujo resultado foi o mapa impresso de 1707 –, Fritz construía sua autoridade em relação ao mapeamento da Amazônia. Para isso, enfatizou que sua práxis cartográfica ia além de conhecimentos de livros ou estudos alheios, e partia da experiência de ter navegado pessoalmente, “até onde é navegável”, o rio Amazonas. Ele passou por volta de trinta e oito anos na Amazônia⁴ e navegou todo o rio duas vezes, viajando para Quito e Lima ocasionalmente. Como resultado de suas viagens, os mapas de Fritz também mudaram e passaram a incluir novas informações de diversas regiões. As missões de Nossa Senhora de Guadalupe dos omáguas e São Paulo, fundadas em 1693 (Maroni, 1988: 335), só aparecem no mapa impresso de 1707. Por esta razão, George Edmundson observou que este mapa não era “uma mera redução do mapa de 1691” (Fritz, 1922: 145). Fritz buscou destacar sua experiência íntima e ter isso refletido no seu mapeamento da Amazônia. O empirismo, entretanto, não foi apenas um padrão compartilhado entre os missionários jesuítas na Amazônia, mas se tornou a norma na prática científica contemporânea. Nesse sentido, os missionários jesuítas estavam participando de uma espécie de virada científica liderada por oficiais locais que serviam à coroa dos Habsburgos nas Índias desde o século XVI, os quais apreciavam mais a experiência em primeira mão que as observações das autoridades da antiguidade clássica (Barrera, 2009: 13-25; De Vos, 2006: 55-79; Mundy, 1996: 16-17).
- 8 A abordagem empírica de Fritz tinha como base a navegação, assim como o que ele chamou de “medir as alturas”, ou seja, o cálculo das latitudes ao longo do rio Amazonas. Em 1696 Fritz enviou um relatório sobre o estado das missões dos omáguas ao visitador apostólico Diego Altamirano. Nesse relatório, ele incluiu outra cópia do “mapa de todo esse rio Amazonas, que fiz medindo as alturas sob aqueles sóis ardentes, descendo do Pará”.⁵ Assim, embora Fritz não tivesse feito observações astronômicas quando descreveu suas viagens pelo Amazonas no seu diário (Almeida, 2003b: 148), ele mencionou suas estipulações das latitudes. O problema é que no seu diário e correspondência com outros missionários Fritz não citou o processo e os instrumentos com os quais calculou as “alturas”. No entanto, graças a Charles-Marie de La Condamine, chefe da expedição geodésica hispano-francesa que visitou o território da Real Audiência de Quito entre 1736 e 1739 e a cidade de Borja, sede administrativa das missões de Maynas, sabemos que Fritz podia pelo menos contar com um quadrante de madeira para calcular as latitudes ao longo do rio. La Condamine reconheceu que, antes de Fritz, a cartografia amazônica “tinha como base a pura abstração, tendo pouca ou nenhuma relação com as informações coletadas por observação em primeira mão” (Safier, 2008: 77). No entanto, ele desqualificou o trabalho de Fritz, declarando que “sem um pêndulo e sem um telescópio, [Fritz] foi incapaz de determinar um único ponto de longitude. Ele tinha apenas um único quadrante de madeira de raio de sete centímetros para medir as latitudes; além disso, ele estava doente quando desceu o rio para o Pará.” (Safier, 2008: 77; Sierra, 1944: 310). Apesar de estar possivelmente doente a caminho do Pará, Fritz estava em boas condições quando voltou para Maynas.

- 9 Como membro da comunidade jesuíta, é plausível supor que Fritz tenha sido treinado na fabricação de instrumentos astronômicos. De fato, por volta de 1682, a biblioteca do colégio jesuíta de Quito continha 53 livros de ciências, como matemática, geometria e astronomia. A biblioteca em particular continha quatro livros sobre instrumentos matemáticos, “dos sobre a fabricação do astrolábio” e “outros dois acerca da construção de relógios de sol” (Navarro, 2002: 200-201). Não sabemos se Fritz teve acesso a esses livros durante sua estada na Real Audiência de Quito, porém a educação dos jesuítas geralmente incluía o estudo de matemática e astronomia. A educação dos alunos do Colégio Jesuíta de Roma ia além das palestras. Parte do currículo da primeira década do século XVII incluía “pesquisa matemática e a fabricação de instrumentos astronômicos com os quais eles fizeram observações dos céus romanos”. Na América do Sul, os jesuítas do Chile e do Peru foram igualmente capazes de construir seus próprios instrumentos científicos ou adquirir-los localmente em meados do século XVII (Prieto, 2011: 120, 128, 132). Portanto, a evidência sugere que nesta viagem assim como nas subsequentes, Fritz foi capaz, graças ao seu quadrante e a sua formação acadêmica e científica como frade jesuíta, de navegar o Amazonas “observando a cada passo suas alturas e medindo da melhor maneira possível seu curso e as diferentes direções que toma” (Maroni, 1988: 139).
- 10 Além do cálculo de latitudes, do uso do quadrante e da educação matemática e astronômica dos frades jesuítas, a práxis cartográfica também abarcava o desenho e delineamento do mapa. Fritz tinha o hábito de pintar e desenhar. Em uma ocasião, solicitou às autoridades jesuítas em Quito “um frasquinho de óleo de linhaça, ou outro que os pintores usam, para encarnar e pintar, pois embora tenhamos muitos frutos oleosos aqui, não encontrei nenhum que seque”. Igualmente, o jesuíta pediu “um pouco de chumbo branco, um pouco de pó azul e meio quilo de índigo” e que não precisava de cardenillo e vermelhão porque já tinha e porque “os amigos infiéis lá fazem muito disso.”⁶ O frade Wenceslao Breyer, um missionário contemporâneo de Maynas, destacou que Fritz aprendeu “vários ofícios, de escultor, pintor, carpinteiro, pedreiro e arquiteto, que nunca havia exercido antes, e isso com grande perfeição e limpeza, como sugerem várias obras de suas mãos, especialmente pinturas e estátuas para igrejas, quais são as melhores do gênero na missão” (Maroni, 1988: 368). Essas pinturas e esculturas certamente denotam que Fritz estava familiarizado com as técnicas que envolviam desenho, delineamento e medição. Essa informação, porém, serve apenas para descrever parte do processo de criação e delineamento dos seus mapas; ou seja, nos ensina a “forma” de seu mapeamento. Para descobrirmos o “conteúdo” de tal, precisamos considerar outras variáveis.
- 11 Além das experiências e observações próprias e de sua formação em conhecimento que o teria ajudado a executar sua técnica cartográfica, Fritz também obteve algumas informações geográficas e cartográficas de outros frades jesuítas que estudaram regiões amazônicas desconhecidas pessoalmente por ele, mas retratadas em seus mapas. Por exemplo, o conhecimento da parte oriental da bacia do rio Amazonas tinha como origem os debates e intercâmbios com o frade Aloïs Conrado Pfiel, astrônomo e cartógrafo nascido na cidade de Konstanz, atual sudoeste da Alemanha, e membro do Colégio Jesuíta do Pará (Bettendorf, 1909: 323; Lucero, 2004: 65-70). Antes da chegada de Fritz a Belém em 1689, Pfiel tinha produzido alguns mapas da Amazônia, especialmente um mapa do cabo norte de sua foz, no meio de uma disputa territorial com os franceses de Caiena (Almeida, 2003a: 119, n. 9; Bettendorf, 1909: 345; Leite, 1943, v. 4: 285). No

Pará, as autoridades lusitanas usaram um mapa-múndi de Pfeil para contradizer os argumentos de Fritz quando eles discutiram as posições dos territórios espanhóis e portugueses ao longo da Amazônia,⁷ mas parece que Pfeil e Fritz concordaram em alguns aspectos. Segundo Serafim Leite, “Pfeil deixou-se suggestionar por Fritz quanto aos limites entre Portugal e Castela”, pois, dois anos após a estadia de Fritz em Belém, Pfeil recusou um pedido imperial para fazer um mapa da região ao redor do rio Negro que delineasse as fronteiras com o Império Espanhol – no entanto, o próprio já havia demarcado os limites com a Guiana francesa em mapas anteriores (Leite, 1943, v. 4: 285). Da mesma forma, a descrição do rio Ucayali por Fritz tinha como base informações e mapas que recebeu do frade jesuíta Enrique Richter, missionário dos nativos conibos naquela região (Lucero, 2004: 46-47, 76-78). Não há, entretanto, nenhum registro da produção cartográfica de Richter. O que temos são apenas indicações do jesuíta Juan de Velasco sobre um mapa de 1696 do Alto Ucayali por Richter, mas a localização atual desse mapa é desconhecida (Velasco, 1961, v. 1: 409-410).

A teoria: As fronteiras de Maynas e a natureza do rio Amazonas

- ¹² Em relação às ideias que Fritz debateu em seus mapas, há dois elementos que se destacam: o delineamento das fronteiras das missões de Maynas e a natureza hidrográfica do rio Amazonas. No primeiro caso, no seu mapa manuscrito de 1691, encarregado da parte mais oriental das missões, Fritz tinha apenas delineado o perímetro das missões de Omágua.⁸ Por sua vez, no mapa de 1707, e como frade superior de todas as missões de Maynas, Fritz demarcou os contornos de todo o território jesuíta na Amazônia ocidental e para isso, ele incluiu dois dispositivos visuais no seu mapa de 1707: um selo jesuíta brilhante como um sol com a inscrição “IHS” localizado no centro do mapa, cujos raios caem diretamente sobre as missões jesuítas na Amazônia, e o delineamento dos contornos de todo o espaço missionário jesuíta de Maynas (Figura 2). Como estas missões estavam localizadas na parte oeste do mapa, e os mapas são normalmente prefigurados de tal modo que o centro é o eixo vital que atrai a atenção do observador (Harley, 2001: 66), Fritz optou por destacar essa região com a delineação das fronteiras de Maynas e os raios oriundos do selo jesuíta. Esses dispositivos ajudaram a remover os olhos do observador do centro do mapa e os realocar nas missões jesuítas na Amazônia ocidental. O objetivo de Fritz era, então, apresentar cartograficamente toda a área de evangelização jesuíta ao invés de entrar nas disputas territoriais dos impérios ibéricos.

Figura 3: Detalhe de Samuel Fritz, S.I., *El Gran Río Marañon, o Amazonas con la Mission de la Compañia de Jesus*, 1707

Fonte: Arquivo do Ministério das Relações Exteriores do Equador.

- 14 Langer também comparou a ornamentação religiosa dos mapas de Fritz com a de outro cartógrafo contemporâneo, o jesuíta Heinrich Scherer. Scherer publicou, em Munique entre 1702 e 1710, seu *Atlas Novus*, que pretendia ser um compêndio geográfico do mundo. Neste tratado, Scherer incluiu mapas de várias partes do globo. Uma característica de alguns desses mapas, em particular do seu mapa-múndi inserido no segundo volume do *Atlas Novus* e feito em 1703 (Figura 4),⁹ é que as áreas onde os jesuítas se instalaram e, portanto, incorporaram ao mundo católico, “estão assinaladas com cores vivas e luminosas, simbolizando a irradiação do catolicismo.” As regiões protestantes, em contrapartida, bem como “os territórios em que os nativos ainda não haviam sido conquistados [...] são representadas com cores foscas e sombrias” (Langer, 2009: 87). Uma dessas regiões escuras e sombrias era a Amazônia (Figura 5). No entanto, Langer esquece que Fritz também usou os elementos mencionados acima, no seu mapa para destacar o território amazônico evangelizado pelos jesuítas da província de Quito. Então, podemos supor que Fritz incluiu aqueles raios de sol caindo nas missões de Maynas para declarar que a Amazônia merecia ser tão iluminada quanto as outras regiões mostradas no mapa-múndi de Scherer, isto é, as partes do mundo sob o olhar missionário global jesuíta.

Figura 4: Heinrich Scherer, S.I., *Representatio totius orbis terraquei cuius partes quae umbra carent fide catholica imbutae sunt, reliquae omnes inumbrate religionis catholicae expertes sunt*, 1703

Fonte: Biblioteca Digital Hispânica – Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: <http://bdh.bne.es/bnsearch/detalle/bdh0000001928>

Figura 5: Detalhe de Heinrich Scherer, S.I., *Representatio totius orbis terraquei cuius partes quae umbra carent fide catholica imbutae sunt, reliquae omnes inumbrate religionis catholicae expertes sunt*, 1703

Fonte: Biblioteca Digital Hispânica – Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: <http://bdh.bne.es/bnsearch/detalle/bdh0000001928>

- 15 O propósito evangelizador da cartografia de Fritz foi registrado em documentos da época do mesmo modo. Em uma carta de 1709, o frade superior geral dos jesuítas em Roma, Miguel Angel Tamburini, notou que, junto com um relatório de 1707 do frade

provincial de Quito, Luis de Andrade, ele também recebeu “os mapas das missões do rio Marañon, que calculo que a Província [de Quito] tenha me enviado para que logo se veja o que os nossos missionários dessa província estão fazendo para difundir a nossa santa fé e fazer brilhar a luz do evangelho para aqueles que estão nas trevas da idolatria.”

¹⁰Tamburini mencionou “os mapas”, o que significa que ele obteve ao menos duas versões diferentes ou duas cópias do mesmo mapa das missões jesuítas na Amazônia. O frade superior geral também não conhecia o autor desses mapas. No entanto, creio que esses são mapas de Fritz por causa da época de produção – o relatório de Andrade coincide cronologicamente com o mapa gravado de Fritz – e da descrição que Tamburini fez das características luminosas dos mapas – que correspondem aos elementos visuais que Fritz usou no seu mapa.

- 16 Da mesma forma, dez anos após a carta de Tamburini, outro membro da administração jesuíta emitiu outra opinião sobre o trabalho cartográfico de Fritz. Uma versão do mapa de 1707 e uma tradução de um dos relatos da estada de Fritz na Amazônia foram publicadas no volume XII da edição francesa das *Cartas edificantes e curiosas* em 1717.¹¹ Ao contrário do mapa original, a versão francesa não contém os dispositivos visuais que Fritz tinha incluído – as fronteiras das missões e os raios do selo jesuíta – para demarcar a presença missionária jesuíta no rio Amazonas. Esta falta de dispositivos não foi bem recebida pelas autoridades da Companhia. Em consequência, não apresentava referência à presença dos outros impérios europeus – português, holandês e francês – e das ordens religiosas que estiveram na Amazônia (Almeida, 2003b: 135-136, 138). No entanto, o mapa também não tinha referência à presença jesuíta e do império espanhol naquela região. Como resultado, em 1719, o procurador jesuíta de Madri, Juan Francisco de Castañeda, ordenou ao padre superior de Maynas, Gregorio Bobadilla, que apresentasse às autoridades espanholas um “relatório verdadeiro” destas missões, pois consideravam que a edição francesa do mapa de Fritz incluía “algumas coisas supostas, e não ajustadas à verdade”, principalmente “que Portugal também tem missões naquele rio [Marañón]”, o que causa confusão”. Para remediar isso, Castañeda ordenou que Bobadilla “dividisse (...) o Marañon, e explicasse quais são as partes que pertencem a Portugal, e quais são as religiões que servem a parte de Portugal”, bem como “a parte e o rio em que os religiosos de São Francisco fazem missão”. Para Castañeda, o principal objetivo do relatório de Bobadilla era deixar claro para a corte espanhola que eram “os padres [jesuítas] de Quito os principais responsáveis pela parte principal do Marañon”.

¹²

- 17 O interessante sobre esses dois casos é que, embora na opinião de Castañeda pareça que os elementos geopolíticos imperiais estão entrelaçados com os interesses evangelizadores, o procurador em Madri e o superior geral em Roma compartilharam a visão da imagem cartográfica da Amazônia feita por Fritz como um instrumento para apresentar e justificar a presença e os esforços evangelizadores da Companhia no coração tropical da América do Sul. A opinião de Fritz, refletida em seus mapas, era semelhante porque, apesar da questão geopolítica estivesse presente, seu objetivo evangélico era mais importante. Por exemplo, ele informou ao vice-rei do Peru que para resolver a questão da fronteira com os portugueses na América do Sul era preciso agir como no “caso de Buenos Aires no ano [1] 681, [para que] com um acordo amistoso, seja determinada a linha de demarcação, e também apontada naquele rio Amazonas, antes que grandes inconvenientes sejam causados pelos portugueses do Pará, e talvez sem remédio”.¹³ Mas essa era a tarefa dos oficiais imperiais, e não um objetivo dos

jesuítas. Ao discutir a polêmica ibérica sobre a Amazônia com o capitão português Antonio de Miranda, que trouxe Fritz de volta do Pará em 1691, o jesuíta afirmou que "não convinha protestar diante de mim, que minha vocação não era pleitear terras, que agora será preciso avisar e prestar contas a quem correspondia esse assunto".¹⁴ Nesse sentido, mesmo que as questões geopolíticas e imperiais estivessem presentes no cotidiano de Fritz, ele reconheceu que seu trabalho como missionário o afastava de tais debates e que seu trabalho deveria se concentrar em questões propriamente evangélicas. E isso é algo que procurou demonstrar cartograficamente.

- 18 Outro elemento importante da produção cartográfica de Fritz, através do qual ele buscou corrigir o conhecimento da natureza do Amazonas, foi a localização e definição das cabeceiras, do percurso e da denominação do rio. A nota na seção inferior direita do mapa de 1707 fornece alguns dados sobre a Amazônia. O início diz: "Este famoso rio, o maior já descoberto, que eles chamam do Amazonas, de Orellana, é o próprio Marañon; nome dado pelos melhores cosmógrafos desde a sua fonte, e todas as suas províncias superiores. Nasce da lagoa Lauricocha perto da cidade de Guánuco no Reyno del Peru" (Figura 6). Duas questões estavam em jogo sobre o rio: seu nome correto e sua origem. Desde o século XVI, alguns cartógrafos europeus retrataram o Amazonas e o Marañón como dois rios diferentes. Este foi, por exemplo, o caso do mapa do Novo Mundo de Abraham Ortelius de 1587, onde o "Amazonum" ou "Oregliana" e o "Maragnon" foram delineados como dois rios distintos.¹⁵ Essa confusão foi provavelmente resultado da profusão de nomes atribuídos ao rio Amazonas desde sua descoberta pelos europeus no início do século XV – Rio Grande, Mar Dulce, Marañón, Orellana e Amazonas. Esta profusão é evidência da intenção dos cartógrafos de fazer um lugar reconhecível por meio de sua nomenclatura (Mundy, 1996: 138). Então, o mapa de 1707 serviu para Fritz eliminar o excesso de nomes na Amazônia, e enfatizar que o "Amazonas" e o "Marañón" eram o mesmo rio e que o nome verdadeiro do rio deveria ser "Marañón".

Figura 6: Detalhe de Samuel Fritz, S.I., *El Gran Rio Marañon, o Amazonas con la Mission de la Compañia de Iesus*, 1707

Fonte: Arquivo do Ministério das Relações Exteriores do Equador

- 19 No caso das fontes do rio, o objetivo do mapa de 1707 de Fritz era corrigir o próprio conhecimento que os jesuítas tinham formulado sobre as cabeceiras do Amazonas, especialmente a partir da descrição de 1641 do rio escrita pelo jesuíta Cristóbal de Acuña. Acuña aderiu à expedição de Pedro de Teixeira de Quito ao Pará em 1639, mas depois continuou sua viagem para a Espanha, onde apresentou ao rei um relato do que tinha testemunhado no Amazonas. Acuña afirmou que "em muitos lugares, o Peru quer atribuir-se a origem e o nascimento deste grande rio, celebrando-o, festejando-o como o Rei dos outros. Mas a partir de agora a cidade de San Francisco de Quito não o

permitirá, pois a oito léguas de sua sede esconde este tesouro, ao pé da Cordilheira.” (Acuña, 1942: 35). Ao contrário, Fritz alegou na nota do mapa mencionada acima que a origem do rio Amazonas estava localizada no lago Lauricocha, perto da cidade de Huánuco, na atual região central do Peru. Essa crítica não estava presente apenas na nota, mas também foi retratada no mapa, que cobria uma área maior e incluía este lago. Esse ato de precisão geográfica não foi uma “descoberta” de Fritz, porque tinha como base expedições jesuítas e franciscanas anteriores em torno dessa região. Tais expedições sabiam desde 1675 que o modo mais fácil de chegar do rio Huallaga a Lima era um caminho que atravessava a província de Guamalies e a serra de Bombon, onde fica Lauricocha, “lago muito potente devido ao volume das águas que nela repousam ou transbordam, é venerada como a mãe do grande rio Marañon” (Maroni, 1988: 108). No entanto, o fato de Fritz sublinhar essa questão no seu mapa impresso, o que permitiu sua circulação, fez com que estudiosos jesuítas subsequentes concedessem essa “descoberta” a Fritz. Por exemplo, de acordo com Juan de Velasco, um historiador jesuíta do século XVIII da província de Quito, o principal mérito do mapa de Fritz foi precisamente apontar a “primeira e principal origem ” do rio Amazonas – que ele chama na verdade de “Marañón” – no “lago de Lauricocha” (Velasco, 1961, v. 1: 42).

- 20 Embora o relato de Acuña não incluisse mapas, há um mapa manuscrito contemporâneo que foi incluído em uma relação anônima feita em 1639, cuja autoria é atribuída a Alonso de Rojas, então diretor do Colégio Jesuíta de Quito, ou ao próprio Acuña (Burgos, 2005), que também descreveu a expedição amazônica de Teixeira. O mapa apresenta características particulares, especialmente a definição do Amazonas seguindo uma orientação vertical, com a cidade de Quito na parte superior do mapa como o lugar das cabeceiras do rio, retratando a rota seguida por Teixeira e Acuña até as cidades de Belém e São Luís, no estuário do Amazonas.¹⁶ A orientação vertical do rio era semelhante a outros trabalhos cartográficos da época como o mapa da província do rio da Prata de Joannes de Laet de 1625¹⁷ e o mapa da América do Sul de Nicolas Sanson d’Abbeville de 1650.¹⁸ Esses mapas registravam um lago grande no meio do subcontinente que servia de ponto de ligação entre o rio Amazonas, vindo do norte, e o rio da Prata, vindo do sul. Como resultado, as possessões portuguesas no Brasil passaram a ser representadas como uma ilha, rodeada por esses dois rios e o Oceano Atlântico, o que se conhece na cartografia como o mito da “Ilha do Brasil” (Adonias, 1963, v. 1: 118-120; Magnoli, 1997: 45-61). Assim, a delimitação do curso do Amazonas e do rio da Prata se assemelhava à linha vertical que dividia os impérios ibéricos de acordo com o Tratado de Tordesilhas de 1494 (Magnoli, 1997: 52).
- 21 A orientação vertical do Amazonas que esses mapas transmitiam tinha como resultado a conversão do rio Amazonas em uma fronteira natural entre Portugal e Espanha na América do Sul. Este delineamento basicamente permitia passe livre aos lusitanos, e outras potências atlânticas, para navegar rio acima até as nascentes do Amazonas localizadas no vice-reino do Peru. Oficiais portugueses, como o governador do Pará, Antônio de Albuquerque, utilizou a ideia da “Ilha do Brasil” para justificar a presença portuguesa na Amazônia nas suas trocas com Fritz.¹⁹ Desse modo, a orientação do rio foi um dos motivos que Fritz levou em consideração ao delinear seu mapa de 1707. Para ele, era claro que o Amazonas corria horizontalmente e não verticalmente. Sabemos que esse problema persistiu, pelo menos, até 1702, quando Fritz preparou um relatório sobre os problemas com os portugueses nas missões. Contra os argumentos lusitanos, o jesuíta observou que “o rio Marañon da foz até aqui na parte superior, não tem

nenhuma curva totalmente para o norte, nem para o sul, mas sempre vai em igualdade com a equinocial, com pouco declive seja para o sul, seja para o norte”.²⁰ Portanto, no mapa de Fritz, o delineamento do rio Amazonas seguindo uma orientação horizontal tinha o propósito de corrigir as ideias cartográficas europeias da “Ilha do Brasil”, assim como o conhecimento que os próprios jesuítas, como Acuña, tinham formulado sobre a Amazônia.

A práxis: As nações da Amazônia

- 22 Um aspecto importante, e às vezes ignorado, é o elemento pragmático da produção cartográfica de Fritz. Nesse sentido, ele estava certamente interessado no mapeamento das pessoas que os missionários tinham que evangelizar ao longo do rio Amazonas. Algo notável no seu mapa é a quantidade de nomes das sociedades indígenas que habitavam a região, o que transmitia a noção da muita diversidade dos nativos locais (Almeida, 2003b: 138). A nota do mapa de 1707 declara que o rio Amazonas “é povoadíssimo por inúmeras nações bárbaras (as mais nomeadas estão anotadas neste Mapa), singularmente nos Rios, que entram nele” (Figura 7). Isso, então, denota que o projeto cartográfico de Fritz envolveu o mapeamento da paisagem geográfica e humana simultaneamente. Para os jesuítas em geral, mapear a localização precisa dos grupos indígenas era crucial para seus objetivos evangelizadores, uma vez que lhes permitia registrar os nativos que já tinham sido contactados, bem como os que ainda não haviam sido evangelizados (Burrus, 1967: 2*; Furlong 1936, 5). Mas o registro espacial também precisava estar acompanhado de um registro numérico.

Figura 7: Detalhe de Samuel Fritz, S.I., *El Gran Río Marañon, o Amazonas con la Mission de la Compañia de Iesus*, 1707

Fonte: Arquivo do Ministerio das Relações Exteriores do Equador

- 23 Por exemplo, por ordem do bispo de Quito, os jesuítas fizeram em 1686 um censo das missões de Maynas que incluiu os nomes das missões, os frades responsáveis e o número de “almas que a Companhia converteu e batizou” em cada missão.²¹ A relevância da informação espacial transmitida pelos censos também ficou evidente durante a visita de Fritz a Lima em 1692, quando apresentou ao vice-rei uma cópia de

seu mapa, seu diário e o “registro dos batismos” que ele tinha realizado no espaço de sete anos em mais de quarenta assentamentos de diferentes nações.²² Da mesma forma em 1694, nas instruções para o frade Juan Lucero visitar e investigar o estado das missões das Maynas, foi ordenado:

trazer notícias individuais dos livros que existem, dos povos que temos, de suas plantas, e distâncias das almas que estão sob nossos cuidados, daqueles que foram batizados no ano passado, dos adultos infiéis que se converteram: das nações que estão dispostas a receber o evangelho. E se ele trouxer um mapa, principalmente um, que o padre Samuel tem, vai servir muito.²³

- 24 Dois anos depois, durante sua visita a Maynas, Lucero conseguiu uma cópia do mapa do Amazonas de Fritz.²⁴ Não obstante, o mais importante é entender que a localização e a numeração dos povos e das “almas” por meio da elaboração de censos e mapas constituíram parte do mesmo projeto cartográfico, cujo objetivo era classificar e sistematizar as sociedades e territórios amazônicos sob domínio jesuíta. Como Benedict Anderson apontou, mapas e censos são partes de uma “grade classificatória totalizante” cujo efeito “foi sempre ser capaz de dizer de qualquer coisa que era isso, não aquilo; que pertencia aqui, não ali. Era limitado, determinado e, portanto - em princípio - contável” (Anderson, 2006: 184). Assim, o mapa de Fritz de 1707, juntamente com os registros de batismo, tornou possível assumir as sociedades indígenas amazônicas não apenas como uma série de entidades que podem ser numeradas, mas também diferenciadas.
- 25 Nesse sentido, é preciso entender como Fritz classificou as diversas sociedades nativas do Amazonas e como as representou no seu mapa. O jesuíta entendeu que a linguagem era um marco espacial bem definido de distinção social na Amazônia, o que normalmente coincidia com distinções em relação à cultura material, assim como aos costumes e comportamentos de cada povo.²⁵ Ao visitar a aldeia de Nossa Senhora das Neves dos nativos jurimáguas, Fritz mencionou que esteve “doutrinando aos moradores da aldeia na língua deles, que é totalmente diferente da omáguas”.²⁶ O jesuíta também observou que os jurimáguas “andam totalmente nus, mas aos poucos vão se acostumando com os vestidos” e que antigamente “têm sido muito guerreiros, e senhores de quase todo o rio Amazonas, e as mulheres deles (segundo eu tinha notícias) lutaram com flechas com tanta bravura quanto os índios”.²⁷ Da mesma forma, Fritz em visita à aldeia de Auanaria em 1696, afirmou que os jurimáguas “ouvem com atenção as coisas da fé e com o desejo de conhecê-las; muito diferente dos omáguas, distraídos nas doutrinas que pelos povos faço”.²⁸ Fritz estava certamente formulando uma relação de oposição entre jurimáguas e omáguas. No caso dos omáguas, o jesuíta relatou que eles provinham “provavelmente dos tupinambás do Brasil, como sugere sua língua, que pouco difere do que os portugueses chamam de Língua Geral ou dos tupinambás” (Maroni, 1988: 304). Ao mesmo tempo, para ele, os homens omáguas eram conhecidos porque vestiam “calças e camiseta de algodão pintado e tecido”, eram “faladores e arrogantes” e estavam orgulhosos “de sempre ter tido, mesmo antes de ser cristãos, uma espécie de polícia e governo” (Maroni, 1988: 305-306). Assim, os jurimáguas, nus, guerreiros, porém humildes, contrastavam com os omáguas vestidos, civilizados, porém arrogantes – o que denota que para Fritz a diversidade linguística coincidia com diferenças em termos de civilidade, costumes e comportamento na Amazônia.
- 26 No plano cartográfico, o mapa de Fritz de 1707 mostra que para o jesuíta essas fronteiras culturais entre omáguas e jurimáguas, e entre outras sociedades nativas, refletiam a ocupação de posições específicas no território mapeado. No entanto, os movimentos migratórios e os assentamentos multiétnicos tornaram as circunstâncias

da Amazônia muito mais complexas. Ao contrário da escrita cursiva usada para indicar o nome das sociedades indígenas no mapa, “omagua” é inscrito inteiramente com letras maiúsculas (Figura 8), uma característica que só aparece no caso dos nomes das cidades de Quito, Lima, e Cuzco, os centros políticos do vice-reino do Peru. Nesse sentido, a primeira impressão é que no mapa de 1707 “omagua” denota uma localização geográfica, precisamente na região onde, segundo as fontes jesuítas, os omáguas habitavam entre os rios Napo e Japurá. Não obstante, o mapa também mostra que dentro do espaço “omagua” habitavam outras várias etnias. E esse padrão multiétnico está precisamente ligado à história do desenvolvimento das missões amazônicas na época do cartógrafo jesuíta.

Figura 8: Detalhe de Samuel Fritz, S.I., *El Gran Rio Marañon, o Amazonas con la Mission de la Compañia de Jesus*, 1707

Fonte: Arquivo do Ministerio das Relações Exteriores do Equador.

- 27 Por exemplo, em 1693, Fritz tentou remover os omáguas de seus assentamentos nas numerosas ilhas localizadas na parte central do rio Amazonas²⁹ para sítios mais protegidos no interior:

Mudei então [a aldeia de] São Joaquim [dos omáguas] para a terra dos caumaris, perto do rio, em um lugar alto adequado para igreja e casas. Para este povoado, além dos omáguas, também foram trazidas algumas famílias da nação dos pevas, que viviam no rio Chiquitá, e agora vieram buscar a minha proteção, pois foram perseguidos por seus inimigos, os caumaris. Da mesma forma, os omáguas de Yoaiuaté passaram para as terras dos mayorunas, os de Ameiuaté para as terras dos curinas, fundando duas novas aldeias com o título, uma de Nossa Senhora de Guadalupe e a outra de São Paulo. Nessas duas aldeias, assim como na de São Joaquim, os índios que viviam espalhados em diferentes ilhas vão se unindo aos poucos, para que possam ser doutrinados com mais facilidade quando haja missionários que os assistam. (Maroni, 1988: 335)

- 28 Assim, os omáguas passaram a residir nas aldeias de São Joaquim, Nossa Senhora de Guadalupe e São Paulo, morando com outros migrantes indígenas, como os pebas, e em terras habitadas por outros povos, como os caumaris, mayorunas e curinas.
- 29 O padrão de assentamento multiétnico na Amazônia e, particularmente, nas missões jesuítas entre os séculos XVII e XVIII é um fato devidamente documentado (Myers, 1992: 140; Reeve, 1994: 124), que ora é entendido como consequência das entradas que

os missionários organizavam com apoio militar nas comunidades da região (Carvalho, 2016), ora pelo conjunto de práticas que surgiram do papel ativo dos indígenas que dinamizaram a vida das missões (Souza, 2017). No caso da aldeia São Joaquim, é documentada a moradia de omáguas assim como de indivíduos de outros sítios (Grohs, 1974: 77). Nesse sentido, o jesuíta Pablo Maroni, que incluiu o diário de Fritz na sua crônica das missões no Amazonas, afirmou que os omáguas tinham “normalmente em sua casa um ou outro escravo ou servo de alguma nação da terra firme” e que, embora os portugueses incitassem ainda mais esse “costume injusto”, eles faziam essas incursões à procura de escravos de outras nações desde o tempo do seu “gentilismo” (Maroni, 1988: 305). E se essas incursões escravistas que levaram à formação de assentamentos mistos fossem um fenômeno pré-jesuíta (Downes, 2005: 176) ou pós-jesuíta (Ullán, 2007: 176), ou se o padrão multiétnico contribuiu a perda da identidade cultural dos omáguas (Cipolletti, 1997: 333; Prinz, 1997: 96), o certo é que eles já estavam acostumados a viver entre pessoas de diferentes “nacionalidades”.

30 Então, apesar da afirmação dos missionários de que os omáguas eram uma unidade culturalmente singular, eles, de fato, constituíam um conglomerado espacial que incorporava várias etnias e ocupava diversas unidades territoriais. Em 1692, num relatório ao vice-rei do Peru, Fritz mencionou que estava evangelizando em “trinta e oito aldeias do território omágua, a missão de Nossa Senhora das Nieves da nação jurimágua e duas aldeias da nação aizuari”.³⁰ Dez anos depois, o jesuíta indicou que uma frota portuguesa tinha entrado no “território dos omáguas” e reduzido a cativo as “duas nações dos cayuisanas e os guareicus”.³¹ O mapa de Fritz de 1707 revela precisamente esse padrão de assentamento, no qual os omáguas não eram uma “nação”, mas um espaço ou “território” que incluía uma diversidade de “nações” que habitavam a parte central do rio Amazonas. Ou seja, “omágua” no mapa funcionou como um rótulo especial que tinha conotações simultaneamente espaciais e étnicas, o que era necessário para dar um sentido de ordem a uma entidade social extensa e complexa.

31 Jurimáguas, aizuares e ibanomas – sociedades indígenas que residiam na altura média do Amazonas no mapa de Fritz – parecem não ter tido tanta mistura étnica, e sim movimentos migratórios. Essas sociedades também eram alvo das atividades missionárias de Fritz e, como resultado disso, o jesuíta estava interessado em mapear suas localizações exatas ao longo do rio. No entanto, suas posições itinerantes devido às migrações contínuas não correspondiam ao que Fritz retratou em seu mapa. Em 1695, Fritz visitou a missão de Nossa Senhora das Neves dos jurimáguas, onde tentou, sem sucesso, convencer os caciques locais, dos aizuares e dos ibanomas, a subirem o rio para a missão de São Joaquim e a ficarem longe dos portugueses.³² Tempo depois, Fritz reconheceu que os missionários carmelitas, juntamente com oficiais portugueses, tinham assumido o controle das missões dos aizuares e jurimáguas desde 1697, e que em 1701 tinha conseguido finalmente persuadir “120 almas” aizuares e ibanomas a se mudarem “até a aldeia de Jurimaguas, junto à foz do rio Napo”, no “território omágua”.

33

32 Não obstante, em agosto de 1702 Fritz pediu ao rei de Portugal “que ponha o remédio e mande os portugueses que deixem esta minha missão e voltem ao Pará, e que eles restaurem, e me deem as pessoas que tiraram daqui, tanto os frades como os leigos”. No mês de março do mesmo ano, o carmelita João Guilherme argumentou que os jurimáguas e os aizuares, que migraram rio acima perto da residência de Fritz em São

Joaquim dois anos antes, tinham que baixar “de novo para suas terras” concedidas pelo rei de Portugal aos frades da ordem do Carmo (Maroni, 1988: 351). Em ambos os casos, o jesuíta e o carmelita pediam uma restituição humana, e não territorial. O que estava em jogo na Amazônia para espanhóis e lusitanos não era, então, necessariamente terras, mas pessoas. Essas pessoas, por vez, representavam a mão de obra da qual o sistema imperial e missionário passou a depender (Gómez, 2012: 177; Ullán, 2007: 176, 181). Assim, a razão pela qual a localização dos aizuares, ibanomas e jurimáguas não coincide com a apresentada no mapa de 1707 – onde ainda permanecem posicionados em seus locais “originais” entre os rios Içá e Japurá – é porque Fritz estava mais interessado em nomear e classificar as diferentes “nações” da Amazônia do que em localizar sua posição precisa no mapa. Em outras palavras, o jesuíta estava mais preocupado com a diferenciação e delimitação dos vários grupos humanos que estavam sob seu olhar evangelizador do que com a precisão do território ocupado.

Epílogo

- 33 O projeto cartográfico de Fritz constitui uma constelação de elementos técnicos, teóricos e pragmáticos, que se entrelaçam e se circunscrevem no empreendimento evangelizador da Companhia de Jesus no rio Amazonas. Nesse sentido, seu mapa de 1707 denota os múltiplos interesses que um jesuíta devia ter em seu trabalho tanto como cartógrafo quanto, principalmente, como missionário. Sobre isso, Anne Godlewska ressaltou que “a cartografia jesuíta é particularmente interessante devido à complexa relação que a ordem manteve com o poder secular e eclesiástico”. Essa complexidade se expressava no que ela rotula como “lealdades divididas” dos jesuítas, pois passaram a ser responsáveis, em diferentes contextos, perante o Papa, o frade superior, os bispos locais, os governos locais, os agentes militares, as academias científicas na Europa e “um pelo outro” (Godlewska, 1997: 108). Até agora, os estudos sobre a cartografia jesuíta de Maynas geralmente se concentram em uma dessas “lealdades” – a relação entre o mapeamento missionário e a defesa das fronteiras imperiais na Amazônia. Porém, a Companhia de Jesus era, antes de tudo, uma organização global. Portanto, é muito simples circunscrever seus interesses à vontade das coroas ibéricas ou dos vice-reinos na América do Sul.
- 34 Meu intuito neste artigo foi descentrar a narrativa tradicional geopolítica e, demonstrar aspectos da cultura material, do conhecimento hidrográfico e da geografia humana do projeto cartográfico de Fritz. Em particular, este estudo examina, primeiro, as técnicas e instrumentos que lhe permitiram fazer as medições astronômicas que mais tarde lhe auxiliariam a fixar as coordenadas do espaço mapeado, bem como o treinamento acadêmico e os insumos materiais com os quais Fritz produziu seus mapas da Amazônia. Em segundo lugar, este estudo demonstra que Fritz localizou as nascentes do rio Amazonas no lago Lauricocha na região central do Peru e delineou o rio de forma horizontal para criticar visões cartográficas europeias sobre o interior tropical da América do Sul, bem como o significado da demarcação das fronteiras do espaço missionário jesuíta de Maynas como parte do projeto global de evangelização da Companhia. E, terceiro, este estudo argumenta que o principal objetivo da cartografia de Fritz foi o mapeamento das sociedades amazônicas alvo do empreendimento missionário jesuíta, o que incluiu complexas relações entre as questões de definição

étnica e os constantes processos de mobilização humana e padrões de assentamento multiétnico na parte central do Amazonas.

- 35 Os mapas de Fritz e a exploração da Amazônia, então, constituíram uma parte crítica de seu desempenho evangelizador durante sua estadia nas missões de Maynas. Em consequência, seus mapas também devem ser considerados como parte de um projeto que não envolveu apenas objetivos geopolíticos imperiais. Por isso mesmo, no caso da participação dos missionários e das expedições no Amazonas precisamos ter cuidado com os anacronismos ao momento de adjudicar interesses, como a definição de “limites territoriais”, que, “ainda presentes, eram marginais e de pouca importância” (Herzog, 2014: 155). Por isso, a cartografia e as atividades missionárias de Fritz devem ser compreendidas como um projeto de várias camadas que incluiu diferentes esferas de compromisso: como representante da coroa de Castela, como cartógrafo e cientista e, sobretudo, como membro da Companhia de Jesus. A complexidade dos mapas de Fritz nos faz pensar sobre os significados do mapeamento na Amazônia colonial. Ao invés de serem reduzidas à controvérsia geopolítica ibérica, as atividades cartográficas de Fritz envolveram histórias múltiplas e sobrepostas de técnica e insumos cartográficos, teorias e debates hidrográficos e geográficos, bem como a necessidade pragmática de mapear o objetivo dos seus esforços evangelizadores – as “nações” da Amazônia.

BIBLIOGRAFIA

- Acuña, Cristóbal de, S.I. (1942). *Descubrimiento del Amazonas*, orgs. Baudizzone, Luis; Cuadrado, Arturo; Seoane, Luis. Buenos Aires: Emecé.
- Adonias, Isa (1963). *A cartografia de região amazônica: Catálogo descritivo (1500-1961)*, vol. 1. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.
- Almeida, Andre Ferrand de (2003a). “Samuel Fritz and the Mapping of the Amazon”. *Imago Mundi*, v. 55, pp. 113-119.
- Almeida, Andre Ferrand de (2003b). “Samuel Fritz Revisited: The Maps of the Amazon and their Circulation in Europe”. In: Curto, Diogo Ramada; Cattaneo, Angelo; Almeida, André Ferrand de (orgs.). *La cartografia europea tra Primo Rinascimento e fine dell’Illuminismo*. Florença: Leo S. Olschki, pp. 133-153.
- Anderson, Benedict (2006). *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, 2. ed. Londres: Verso.
- Ardito, Wilfredo (1993). *Las reducciones jesuitas de Maynas: Una experiencia misional en la amazonía peruana*. Lima: CAAAP.
- Barrera, Antonio (2009). “Experiencia y empirismo en el siglo XVI: Reportes y cosas del Nuevo Mundo”. *Memoria y sociedad*, v. 13, n. 27, pp. 13-25.
- Batchelor, Robert (2019). “Introduction: Jesuit Cartography”. *Journal of Jesuit Studies*, v. 6, pp. 1-13.
- Bayle, Constantino, S.I. (1951). “Las Misiones, defensa de las fronteras. Mainas”. *Missionalia Hispánica*, v. 8, n. 24, pp. 417-503.

- Bettendorf, João Felipe, S.I. (1909). "Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 72, n. 1, pp. 1-697.
- Burgos, Hugo (2005). *La Crónica Prohibida: Cristóbal de Acuña en el Amazonas*. Quito: FONSAL.
- Burrus, Ernest J., S.I. (1967). *La obra cartográfica de la Provincia Mexicana de la Compañía de Jesús (1567-1967)*, vol. 1. Madri: José Porrúa Turanzas.
- Carvalho, Francismar Alex Lopes de (2016). "Entradas missionárias e processos étnicos na Amazônia: o caso das missões jesuíticas de Maynas (c. 1638-1767)". *Anos 90*, v. 23, n. 43, pp. 321-366.
- Cipolletti, María (1997). "Los tucano del alto Amazonas: Un contramodelo al modelo de dinámica poblacional de Lathrap". In: Cipolletti, María (org.). *Resistencia y adaptación nativas en las tierras bajas Latinoamericanas*. Quito: Abya-Yala, pp. 323-342.
- Cosgrove, Denis (1999). "Global Illumination and Enlightenment in the Geographies of Vincenzo Coronelli and Athanasius Kircher". In: Livingstone, David; Withers, Charles (orgs.). *Geography and Enlightenment*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 33-66.
- Deler, Jean-Paul (2007). *Ecuador: Del espacio al Estado nacional*, 2. ed., trads. Yépez, Federico; et al. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, IFEA, Corporación Editora Nacional.
- De Vos, Paula (2006). "Research, Development, and Empire: State Support of Science in the Later Spanish Empire". *Colonial Latin American Review*, v. 15, n. 1, pp. 55-79.
- Dias, Camila Loureiro (2012). "Jesuit Maps and Political Discourse: The Amazon River of Samuel Fritz". *The Americas*, v. 69, n. 1, pp. 95-116.
- Downes, Peter (2005). "Jesuitas en la Amazonía: experiencias de Brasil y Quito". In: Hernández, José; Moreno, Rodrigo (orgs.). *La misión y los jesuitas en la América Española, 1566-1767: Cambios y permanencias*. Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 151-186.
- Espinoza, Waldemar (2007). *Amazonía del Perú: Historia de la Gobernación y Comandancia General de Maynas (Hoy Regiones de Loreto, San Martín, Ucayali y Provincia de Condorcanqui): Del siglo XV a la primera mitad del siglo XIX*. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, Banco Central de Reserva del Perú, Promperú.
- Fernández-Salvador, Carmen (2014). "Jesuit Missionary Work in the Imperial Frontier". In: Kirk, Stephanie; Rivett, Sarah (orgs.). *Religious Transformations in the Early Modern Americas*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, pp. 205-227.
- Fritz, Samuel, S.I. (1922). *Journal of the Travels and Labours of Father Samuel Fritz in the River of the Amazons between 1686 and 1723*, org. Edmundson, George. Londres: Hakluyt Society.
- Furlong, Guillermo, S.J. (1936). *Cartografía jesuítica del Río de la Plata*, vol. 1. Buenos Aires: Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser.
- Godlewska, Anne (1997). "Commentary: The Fascination of Jesuit Cartography". In: Gagliano, Joseph; Ronan, Charles, S.I. (orgs.). *Jesuit Encounters in the New World: Jesuit Chroniclers, Geographers, Educators and Missionaries in the Americas, 1549-1767*. Roma: Institutum Historicum S.I., pp. 99-111.
- Gómez, Juan (2012). "Contra un enemigo infernal. Argumentos jesuíticos en defensa de la Amazonía hispánica: provincia de Maynas, 1721-1739". *Fronteras de la Historia*, v. 17, n. 1, pp. 167-194.

Grohs, Waltraud (1974). *Los indios del Alto Amazonas del siglo XVI al XVIII: Poblaciones y migraciones en la Antigua provincial de Maynas*, trad. Castro y Velásquez, Juan. Bonn: Estudios Americanistas de Bonn.

Harley, J. Brian (2001). *The New Nature of Maps: Essays in the History of Cartography*, org. Laxton, Paul. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Harris, Steven J. (1999). "Mapping Jesuit Science: The Role of Travel in the Geography of Knowledge." In: O'Malley, John, S.I.; et al. (orgs.). *The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts, 1540-1773*. Toronto: University of Toronto, pp. 212-240.

Herzog, Tamar (2014). "Una monarquía, dos territorios. La frontera entre españoles y portugueses: España y Portugal durante (y después) de la unión". In: Martínez, Carlos; Martínez, José (orgs.). *España y Portugal en el mundo (1581-1668)*. Madrid: Ediciones Polifemo, pp. 139-155.

Hill, Jonathan; Santos, Fernando (orgs.) (2002). *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana: University of Illinois Press.

Jorna, Peter; Malaver, Leonor; Oostra, Menno (orgs.) (1991). *Etnohistoria del Amazonas*. Quito: Abya-Yala, Movimiento Laicos para América Latina.

Langer, Protásio (2009). "Cartas geográficas edificantes: o imaginário da conversão dos povos indígenas nos mapas dos jesuítas Heinrich Scherer e Samuel Fritz." In: Suess, Paulo; et al. (orgs.). *Conversão dos cativos: povos indígenas e missão jesuítica*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, pp. 79-90.

Larrea, Carlos (1997). *Cartografía ecuatoriana de los siglos XVI, XVII y XVIII*. Quito: Corporación de Estudios y Publicaciones.

Lathrap, Donald (1970). *The Upper Amazon*. Londres: Thames and Hudson.

Latorre, Octavio (1988). *Los mapas del Amazonas y el desarrollo de la cartografía ecuatoriana en el siglo XVIII*. Guayaquil: Museos del Banco Central del Ecuador.

Leite, Serafim, S. I. (1943). *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. 4. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Lisboa: Livraria Portuguesa.

Lucero, Iván, S.I. (2004). *La cartografía de la antigua provincia de Quito de la Compañía de Jesús*. 193 p. Tese (Licenciatura em Teologia Sacra). Weston Jesuit School of Theology.

Magnoli, Demétrio (1997). *O Corpo da Pátria: Imaginação geográfica e política externa no Brasil, 1808-1912*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Moderna.

Maroni, Pablo, S.I. (1988). *Noticias auténticas del famoso río Marañón y misión apostólica de la Compañía de Jesús de la provincia de Quito*, org. Chaumeil, Jean Pierre. Iquitos: IIAP, CETA.

Martins, Renata Maria de Almeida (2013). "'La Compagnia sia, come un cielo': O sol, a lua e as estrelas dos livros de emblemas para a decoração das igrejas das missões jesuíticas na América Portuguesa, séculos XVII-XVIII." *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, v. 50, n. 1, pp. 81-102.

Mundy, Barbara (1996). *The Mapping of New Spain: Indigenous Cartography and the Maps of the Relaciones Geográficas*. Chicago: Chicago University Press.

Myers, Thomas (1992). "The Expansion and Collapse of the Omágua". *Journal of the Steward Anthropological Society*, v. 20, n. 1-2, pp. 129-152.

Navarro, Juan (2002). "Los libros matemáticos y científicos de la biblioteca del colegio de los jesuitas de Quito (s. XVII-XVIII)". *Archives Internationales D'Histoire des Sciences*, v. 52, n. 148, pp. 198-211.

- Phelan, John (1967). *The Kingdom of Quito in the Seventeenth Century: Bureaucratic Politics in the Spanish Empire*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Porras, María (1987). *Gobernación y Obispado de Mainas, siglos XVII y XVIII*. Quito: Abya-Yala, TEHIS.
- Prieto, Andrés (2011). *Missionary Scientists: Jesuit Science in Spanish South America, 1570-1810*. Nashville: Vanderbilt University Press.
- Prinz, Ulrike (1997). “Los Omaguas entre resistencia y adaptación (1542-1768)”. In: Cipolletti, María (org.). *Resistencia y adaptación nativas en las tierras bajas Latinoamericanas*. Quito: Abya-Yala, pp. 77-106.
- Reeve, Mary-Elizabeth (1994). “Regional Interaction in the Western Amazon: The Early Colonial Encounter and the Jesuit Years: 1538-1767”. *Ethnohistory*, v. 41, n. 1, pp. 106-138.
- Roosevelt, Anne (org.) (1994). *Amazonian Indians from Prehistory to the Present: Anthropological Perspectives*. Tucson: University of Arizona Press.
- Rosas, Fernando (2008). *Del Río de la Plata al Amazonas: El Perú y el Brasil en la época de la dominación ibérica*. Lima: Universidad Ricardo Palma, Editorial Universitaria.
- Safier, Neil (2008). *Measuring the New World: Enlightenment Science and South America*. Chicago: University of Chicago Press.
- Sierra, Vicente (1944). *Los jesuitas germanos en la conquista espiritual de Hispano-América, siglos XVII-XVIII*. Buenos Aires: Facultades de Filosofía y Teología, Institución Cultural Argentino-Germana.
- Souza, Rosemeire Oliveira (2017). “Sociedades Indígenas e Missões no Alto Amazonas nos séculos XVII-XVIII”. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 12, pp. 155-180.
- Ullán, Francisco (2007). “Jesuitas, omáguas, yurimáguas y la guerra hispano-lusa por el Alto Amazonas. Para un posible guión alternativo de ‘La Misión’.” *Anales del Museo de América*, v. 15, pp. 173-190.
- Velasco, Juan de, S.I. (1961). *Historia del reino de Quito en la América meridional*, org. Espinosa Pólit, Aurelio, S.I., vol. 1. Puebla: Editorial J.M. Cajica.
- Villalba, Jorge, S.I. (1992). “Documentos, memoriales, cartas y mapas del P. Samuel Fritz, SJ. misionero del Amazonas 1689-1709”. *Revista del Instituto de historia eclesiástica ecuatoriana*, v. 12, pp. 55-94.

NOTAS

1. Samuel Fritz, S.I., El gran río Marañón, o Amazonas, con la misión de la Compañía de Jesús geográficamente delineado / por el P. Samuel Fritz, misionero continuo en este río. P.J. de N. Societatis Jesu, quondam in hoc Maranone missionarius, sculpebat, [Quito], 1707. Biblioteca Nacional da França, departamento de mapas e planos, GED-7855. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8446616z/f1>. Acesso em: 1 nov. 2020.
2. Em 1632 o Rei da Espanha, Filipe IV, concedeu à Companhia de Jesus a evangelização dos índios maynas, que habitavam o curso baixo do rio Santiago, no atual departamento peruano do Amazonas. Em 1638, os primeiros jesuítas chegaram ao território de Maynas e, desde então, espalharam sua presença missionária pela Amazônia ocidental até sua expulsão em 1767 (Ardito, 1993: 16-17; Porras, 1987: 26).
3. Samuel Fritz, S.I., “Memorial que presento el Padre Samuel al Excelentísimo Señor Virrey Conde de la Monclova con el mapa del río Marañón ó Amazonas, en la Corte de Lima el año de 1692”, Arquivo da Companhia de Jesus de Quito (ASJQ), leg. 6, doc. 558: 1v.

4. Dezoito anos como missionário em Omáguas, nove anos como frade superior de todas as missões de Maynas e onze anos como missionário de Xeberos, de 1686 a 1725 no total (Maroni, 1988: 366-367).
5. Samuel Fritz, S.I., carta ao frade visitador Diego Francisco Altamirano, Xeberos, 20 de agosto, 1696, ASJQ, leg. 7, doc. 623: 1r.
6. Samuel Fritz, S.I., carta ao frade visitador Diego Francisco Altamirano, Xeberos, 20 de agosto, 1696, ASJQ, leg. 7, doc. 623: 1r e “Post Scriptum,” carta ao frade visitador Diego Francisco Altamirano, Santiago de la Laguna, 2 de outubro, 1696, ASJQ, leg. 7, doc. 623: 4r.
7. Samuel Fritz, S. I., carta ao frade provincial Sebastian Abbad, São Joaquim de Omáguas, 15 de outubro, 1709, ASJQ, leg. 8, doc. 805 [802]: 2r.
8. Samuel Fritz, S.I., Mapa geographica del rio Marañon o Amazonas, hecha / por el P. Samuel Fritz, de la Compania de Jesus, missionero en este mesmo rio de Amazonas, s.n., 1691. Biblioteca Nacional da França, departamento de mapas e planos, GE C-5037 (RES). Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b72002640>. Acesso em: 1 nov. 2020.
9. Heinrich Scherer, S.I., Representatio totius orbis terraquae cuius partes quae umbra carent fide catholica imbutae sunt, reliquae omnes inumbrate religionis catholicae expertes sunt, Munique, 1703. Biblioteca Nacional da Espanha, GMG/214 V. 2 MAPA 8. Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000001928&page=132>. Acesso em: 1 nov. 2020.
10. Miguel Angel Tamburini, S.I., carta ao frade provincial Luis de Andrade, S.I., Roma, 1 de dezembro, 1709, ASJQ, leg. 15, doc. 1343 [1339]: 50.
11. Samuel Fritz, S.I., Cours du fleuve Maragnon, autrement dit des Amazones / par le P. Samuel Fritz, Missionnaire de la Compagnie de Jésus, París, 1717. Biblioteca Nacional da França, GED-7857. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8446617c>. Acesso em: 1 nov. 2020.
12. Juan Francisco de Castañeda, S.I., “Del padre Juan Francisco de Castañeda, dándole cuenta de sus gestiones en la corte á favor de las misiones del Marañón, y pidiéndole informes de las mismas,” Madri, 28 de agosto, 1719, ASJQ, leg. 9, doc. 868: 1r-2r.
13. Samuel Fritz, S.I., “Memorial que presento el Padre Samuel al Excelentísimo Señor Virrey Conde de la Monclova con el mapa del rio Marañon ó Amazonas, en la Corte de Lima el año de 1692,” ASJQ, leg. 6, doc. 558: 1v. O caso de Buenos Aires se refere à solução alcançada por espanhóis e portugueses em relação ao conflito pela posse da colônia do Sacramento que, após o Tratado de Lisboa de 1681, passou a ficar sob controle lusitano.
14. Samuel Fritz, S.I., “Compendio de la buelta desde la ciudad de Gran-Pará de los Portuguezes, que hizo para la reducion de San Joachin de Omaguas, principio de su mission, el Padre Samuel Fritz missionero de la Corona de Castilla, de la Compañia de Jesus, en el rio Marañon ó Amazonas: el año de 1691,” n.p., n.d., ASJQ, leg. 6, doc. 537: 2v.
15. Abraham Ortelius, Americae sive Novi Orbis, nova descriptio, Antuérpia, 1587. Biblioteca Pública de Nova Iorque, Divisão de Arte, Impressos e Fotografias Miriam e Ira D. Wallach, Coleção de Impressos. Disponível em: <http://digitalcollections.nypl.org/items/510d47d9-7bf3-a3d9-e040-e00a18064a99>. Acesso em: 1 nov. 2020.
16. [Martín de Guzmán y Saavedra], [Mapa del río Amazonas y su cuenca], n.p., [1639]. Biblioteca Nacional da Espanha, MSS/5859(H. 32). Disponível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000199147&page=1>. Acesso em: 1 nov. 2020.
17. Joannes de Laet, Paraguay, ó Prov. de Rio de la Plate: met de aenpalende landen van Tucuman, ende Sta. Cruz de la Sierra, Leiden, 1625. Biblioteca John Carter Brown, Coleção de mapas, F625 L158n. Disponível em: <https://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/detail/JCBMAPS~1~1~4572~102657>. Acesso em: 1 nov. 2020.
18. Nicolas Sanson d'Abbeville, Amerique meridionale, Paris, 1650. Biblioteca Britânica, Itens cartográficos K.Top.124.3. Disponível em: <http://access.bl.uk/item/viewer/ark:/81055/>

vdc_100052169875.0x000001#?c=0&m=0&s=0&cv=0&xywh=-2203%2C-269%2C11040%2C5370.

Acesso em: 1 nov. 2020.

19. Samuel Fritz, S.I., “Doy á Vuestra Magestad noticia dé los agravios que he recebido en esta mi Mission del Governador del Pará Antonio de Albuquerque, y por sus ordenes de los Portuguezes del Pará,” São Joaquim de Omáguas, 24 de agosto, 1702. ASJQ, leg. 8, doc. 713: 2v.

20. Samuel Fritz, S.I., “Declaracion del Padre Samuel de la Compañía de Jesus missionero de la Corona de Castilla, en este rio Marañon ó Amazonas, sobre su Mission de Omaguas, Yurimauas, Aiçuares y Ybanomas tocante á la Corona de Castilla,” Ybanomas, 4 de junho, 1702. ASJQ, leg. 8, doc. 705: 1r.

21. “Raçon y noticia de las reducciones y pueblos que ha fundado y tiene la Compañía de Jesus en la mission del gran río Marañon desde 30 de mayo de 1638 hasta el presente de 1686”, n.p., [1686], ASJQ, leg. 5, doc. 480: 1r-1v.

22. Samuel Fritz, S.I., “Memorial que presento el Padre Samuel al Excelentissimo Señor Virrey Conde de la Monclova en la Corte de Lima, pidiendo socorro para la mission, el año de 1692,” n.p., [1692], ASJQ, leg. 6, doc. 559: 1r.

23. Diego Francisco Altamirano, S.I., “Instruccion para el padre Juan Luzero, visitador de Maynas.” Santa Fe, 10 de outubro, 1694, ASJQ, leg. 7., doc. 601: 5v.

24. Samuel Fritz, S.I., “Post Scriptum,” carta ao frade visitador Diego Francisco Altamirano, Santiago de la Laguna, 2 de outubro, 1696, ASJQ, leg. 7, doc. 623: 3v.

25. Seguindo a tendência dos missionários, era ainda comum entre os cientistas sociais usar a distribuição de línguas e cultura material como marcadores de etnia na Amazônia até meados do século XX (Lathrap, 1970). Estudos subsequentes, no entanto, enfatizaram a permeabilidade das identidades étnicas como uma característica das sociedades indígenas da Amazônia pré e pós-conquista (Jorna, Malaver, Oostra, 1991; Roosevelt, 1994; Hill, Santos, 2002).

26. Samuel Fritz, S.I., carta ao frade visitador Diego Francisco Altamirano, Xeberos, 20 de agosto, 1696, ASJQ, leg. 7, doc. 623: 1v.

27. Samuel Fritz, S.I., “Compendio de la baxada por el rio Amazonas, que hizo desde su mission el P. Samuel Fritz, missionero de la Corona de Castilla en el rio Marañon, o Amazonas, el año de 1689, hasta á la ciudad de Gran-Pará; y de las cosa que pasaron con el,” n.p., n.d., ASJQ, leg. 5, doc. 506 [505]: 1r-1v.

28. Samuel Fritz, S.I., carta ao frade visitador Diego Francisco Altamirano, Xeberos, 20 de agosto, 1696, ASJQ, leg. 7, doc. 623: 2v.

29. Segundo Thomas Myers, o padrão de assentamento dos omáguas mudou entre os séculos XVI e XVII. Eles ocupavam as margens e ilhas do rio Amazonas, mas, devido a uma provável diminuição demográfica, ficaram confinados às ilhas onde buscaram proteção de seus inimigos, mais numerosos, do interior (Myers, 1992: 134).

30. Samuel Fritz, S.I., “Memorial que presento el Padre Samuel al Excelentissimo Señor Virrey Conde de la Monclova en la Corte de Lima, pidiendo socorro para la mission, el año de 1692,” n.p., [1692], ASJQ, leg. 6, doc. 559: 1r.

31. Samuel Fritz, Samuel, S.I. “Doy á Vuestra Magestad noticia dé los agravios que he recebido en esta mi Mission del Governador del Pará Antonio de Albuquerque, y por sus ordenes de los Portuguezes del Pará,” São Joaquim de Omáguas, 24 de agosto, 1702, ASJQ, leg. 8, doc. 713: 1v.

32. Samuel Fritz, S.I., carta ao frade visitador Diego Francisco Altamirano, Xeberos, 20 de agosto, 1696, ASJQ, leg. 7, doc. 623: 1v.

33. Samuel Fritz, S. I., carta ao frade provincial Sebastian Abbad, São Joaquim de Omáguas, 15 de outubro, 1709, ASJQ, leg. 8, doc. 805 [802]: 2r-2v.

RESUMOS

Este artigo trata do jesuíta Samuel Fritz e dos aspectos técnicos, teóricos e pragmáticos da sua produção cartográfica das missões de Maynas, localizadas na Amazônia ocidental. Meu intuito é descentrar a tendência de relacionar a cartografia jesuíta com questões de ocupação territorial e disputas de fronteiras na América do Sul e, ao contrário, demonstrar aspectos da cultura material, do conhecimento hidrográfico e da geografia humana do projeto cartográfico de Fritz. Em particular, este estudo examina as técnicas e instrumentos, o treinamento acadêmico e os insumos materiais com os quais Fritz produziu seus mapas da Amazônia. Em segundo lugar, este artigo demonstra que Fritz utilizou seu mapeamento do rio Amazonas para criticar visões cartográficas europeias sobre o interior da América do Sul, bem como o significado religioso da demarcação das fronteiras do espaço missionário de Maynas. E, por último, este estudo argumenta que o principal objetivo da cartografia de Fritz foi o mapeamento das sociedades amazônicas, alvo do empreendimento missionário jesuítico.

Este artículo trata sobre el jesuita Samuel Fritz y los aspectos técnicos, teóricos y pragmáticos de su producción cartográfica de las misiones de Maynas, ubicadas en la Amazonía occidental. Mi intención es descentrar la tendencia a relacionar la cartografía jesuita con temas de ocupación territorial y disputas fronterizas en América del Sur y, por el contrario, demostrar aspectos de la cultura material, el conocimiento hidrográfico y la geografía humana del proyecto cartográfico de Fritz. En particular, este estudio examina las técnicas e instrumentos, la formación académica y los insumos materiales con los que Fritz elaboró sus mapas de la Amazonía. En segundo lugar, este artículo demuestra que Fritz utilizó su cartografía del río Amazonas para criticar las visiones cartográficas europeas del interior de América del Sur, así como el significado religioso de la demarcación de las fronteras del espacio misionero de Maynas. Y, tercero, este estudio sostiene que el principal objetivo de la cartografía de Fritz era trazar un mapa de las sociedades amazónicas que eran el objetivo de la empresa misionera jesuita.

This article deals with the Jesuit Samuel Fritz and the technical, theoretical, and pragmatic aspects of his cartographic production of the Maynas missions, located in the western Amazon. My intention is to decentralize the tendency to relate Jesuit cartography to issues of territorial occupation and border disputes in South America and, on the contrary, to demonstrate aspects of the material culture, hydrographic knowledge, and human geography of Fritz's cartographic project. In particular, this study examines the techniques and instruments, academic training, and material inputs with which Fritz produced his maps of the Amazon. Second, this article demonstrates that Fritz used his mapping of the Amazon River to criticize European cartographic views of the interior of South America, as well as the religious significance of the demarcation of the borders of the Maynas missionary space. And, finally, this study argues that the main objective of Fritz's cartography was to map the Amazonian societies that were the target of the Jesuit missionary enterprise.

Cet article traite du jésuite Samuel Fritz et des aspects techniques, théoriques et pragmatiques de sa production cartographique des missions de Maynas, situées dans l'ouest de l'Amazonie. Mon intention est de décentraliser la tendance à relier la cartographie jésuite aux problèmes d'occupation territoriale et de conflits frontaliers en Amérique du Sud et, au contraire, de démontrer des aspects de la culture matérielle, des connaissances hydrographiques et de la géographie humaine du projet cartographique de Fritz. En particulier, cette étude examine les techniques et les instruments, la formation académique et les apports matériels avec lesquels Fritz a produit ses cartes de l'Amazonie. Deuxièmement, cet article démontre que Fritz a utilisé

sa cartographie du fleuve Amazone pour critiquer les vues cartographiques européennes de l'intérieur de l'Amérique du Sud, ainsi que la signification religieuse de la démarcation des frontières de l'espace missionnaire de Maynas. Et, enfin, cette étude soutient que l'objectif principal de la cartographie de Fritz était de cartographier les sociétés amazoniennes qui étaient la cible de l'entreprise missionnaire jésuite.

ÍNDICE

Índice cronológico: 1691-1707

Palavras-chave: Samuel Fritz, cartografia, Amazônia, jesuítas

Palabras claves: Samuel Fritz, cartografía, Amazonía, jesuitas

Keywords: Samuel Fritz, cartography, Amazonia, Jesuits

Mots-clés: Samuel Fritz, cartographie, Amazonie, jésuites

Índice geográfico: Amazônia

AUTOR

ROBERTO CHAUCA

Doutor em História pela University of Florida

Pesquisador do Departamento de Antropología, Historia y Humanidades

Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), Sede Ecuador, La Pradera E7-174 y Av.

Diego de Almagro, Quito, Pichincha, Ecuador 170518

rochauca@flacso.edu.ec